



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÉ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

21 de Outubro de 2011

Imperialismo assassino de Muamar Kadafi Fora a Otan da Líbia!

A morte de Kadafi ainda está cercada de imprecisões. Mas tudo indica que tenha sido capturado e executado por um comando rebelde. A Otan está envolvida nos acontecimentos em Sirte que puseram fim à vida do homem que projetou a Líbia nacionalista e que aspirou unificar o povo árabe sob a bandeira do pan-arabismo de Gamal Abdel Nasser. Os jornais dizem que a população em Trípoli e outras cidades saíram às ruas em comemoração à supressão física do ditador. As massas oprimidas não podem compreender o significado histórico da intervenção dos carneiros do mundo na Líbia. O assassinato de Kadafi põe fim apenas a um regime político esgotado. Sob o domínio das potências, não haverá nenhuma transformação democrática, econômica e social progressiva.

O governo autocrático estava derrotado. Não havia como as forças governamentais resistirem desde Sirte. No momento em que a oposição tomou a capital do país, tornou-se evidente que a capacidade militar e social do regime de rechaçar os rebeldes não existia. Kadafi chegou perto de sufocar o levante de Benghazi em março. A intervenção do imperialismo foi decisiva para que a situação se revertesse. Sustentada pelas armas das potências, a oposição se organizou, se potenciou militarmente, ganhou apoio social e expulsou o clã de Kadafi do poder.

Assim que Kadafi foi taxativo em não acatar o ultimato dos Estados Unidos, Inglaterra e França de entregar o governo sem impor condições, o imperialismo tomou a decisão de derubá-lo. A oposição demonstrou ser incapaz de cumprir esse objetivo com suas próprias forças. Mas o levante de Benghazi indicou que o regime kadafista estava extenuado para o povo líbio. A guerra civil que recém iniciou com o levante de fevereiro e a impossibilidade da oposição vencer abriu caminho para as potências se livrarem de um regime que no passado lhes fora hostil. Havia, portanto, chegado a hora de um ajuste de contas.

Eis por que nenhuma das manobras de Kadafi para se chegar a uma solução negociada foi aceita. Ou se entregaria para ser julgado pelo Tribunal Penal Internacional – uma organização das potências voltada a julgar aqueles que des-



Kadafi foi capturado a partir de um bombardeio da OTAN contra um comboio que partia de Sirte, e foi morto pelos rebeldes logo a seguir



cumprem ordens imperiais -, ou cairia sob o fogo da Otan e da oposição.

Nos bombardeios a Trípoli, procurou-se liquidar Kadafi e sua família. Volta e meia, autoridades de governo e da Otan declararam que não era seu objetivo matar Kadafi. O que equivalia ao contrário. Os agentes do imperialismo sabiam que aquele homem não deixaria o poder a não ser morto.

O lugar de Kadafi na história da Líbia e nos conflitos com as potências em seu percurso nacionalista lhe reservou esse destino. Não era um Zine el Abдини Ben Ali tuniziano, ou um Mubarak egípcio. Foi talhado nas lutas políticas internas à Líbia, aos países árabes e diante do imperialismo, que agiu pesadamente para evitar o progresso do pan-arabismo.

Em sua biografia, não consta que tenha sido marionete das potências, mesmo a partir dos anos 90, quando fez a virada de adaptação aos interesses do imperialismo, após fracassarem

suas aspirações de se tornar o líder nacionalista dos árabes.

A derrubada da monarquia do rei Idris I em 1969, cujo instrumento foi o movimento clandestino de Oficiais Unionistas Livres, organizado pelo então coronel Kadafi no seio das Forças Armadas, arrancou a Líbia do controle imperialista. A nacionalização do petróleo, algumas reformas na agricultura e uma certa modernização capitalista se deram sob o novo regime. É inconteste que os avanços ocorreram sob o governo pessoal autoritário. A República Árabe Socialista Popular, concebida em 1979, depois de ter formado o Congresso Geral do Povo, em 1977, não passou de uma fachada com um nome pomposo para sedimentar o regime autocrático do capitalismo atrasado e semicolonial na Líbia.

As condições internacionais – e particularmente no Norte da África e Oriente Médio – permitiram que Kadafi até 1992 tivesse um considerável espaço de manobra para o seu nacionalismo islâmico (profundamente anticomunista). Tomou posição ativa contra a implantação do Estado sionista de Israel, interveio no Chade contrapondo-se à presença francesa e apoiou atentados terroristas.

Essas ações intensificaram os atritos com as potências, ao ponto dos Estados Unidos bombardearem o país em 1986. Essa medida de força do governo norte-americano demarcou a possibilidade de uma invasão imperialista à Líbia para pôr fim ao ciclo nacionalista de Kadafi. O que veio a ocorrer agora.

A desintegração do movimento nasserista do pan-arabismo resultou em maior estilhaçamento dos países árabes, implantação de regimes pró-imperialistas, fortalecimento do expansionismo sionista no território palestino e isolamento do nacionalismo líbio. A virada do Egito – pátria do pan-arabismo – sob o governo de Anuar Sadat para a convivência pacífica com o Estado sionista e para uma política de servilismo à Casa Branca desmoronou definitivamente os esforços unionistas de Kadafi. Por um período se aproximou da arquinimiga União Soviética. Aspirava fortalecer-se com armamentismo. Chegou a iniciar um projeto nuclear com apoio da burocracia russa. Não obstante, o processo de restauração capitalista na União Soviética iria pôr fim à única alternativa que restava a Kadafi.

Solitário, premido por forças internas e externas, o ditador se viu na contingência de engavetar definitivamente a bandeira do nacionalismo árabe-islâmico. Renegou as ações terroristas, desmontou o programa nuclear, abriu o negócio do petróleo às multinacionais e passou a usar as reservas financeiras do país em negociações externas. Em 2003, a Líbia gozava de relações plenas com a União Européia e, em 2006, se encontrava de cabeça baixa perante os Estados Unidos.

Mas Kadafi conservou o poder do Estado fora da ingerência direta do imperialismo. Admitiu as transações impostas pelas potências e se prostituiu nas malhas do capital parasitário,

sem contudo aceitar que os agentes do imperialismo ditasse a sua política. Apesar de ter feito concessões às multinacionais e aos governos imperialistas – como o acordo de bloquear a passagem de imigrantes africanos para a Europa – não desfez a desconfiança dos colonizadores.

A enorme crise revolucionária que eclodiu na Tunísia e que se manifestou no Egito, Iemen e outros países árabes também arrastou a Líbia. O imperialismo e parte das forças dos antigos regimes já haviam conseguido canalizar a fúria das massas, evitando a sua queda integral e a formação de governos fora de controle. Abortaram-se, assim, as revoluções democráticas. O fato de na Líbia os acontecimentos tomarem o curso da guerra civil permitiu que o imperialismo fizesse o ajuste de contas final com o seu desafeto e abrisse caminho para se constituir um governo títere. O Conselho Nacional de Transição cumpre esse papel, embora haja lutas internas para a definição do novo regime político.

O governo foi derrubado e Muamar Kadafi foi assassinado pela parafernália militar do imperialismo. Obama, Cameron e Sarkozy, representantes da burguesia carniceira dos povos semicoloniais, dizem que os líbios se livraram de um ditador e que doravante poderão caminhar livremente para a democracia. Nada mais falso. A liberdade e a democracia que o imperialismo oferece aos países subjugados são as do capital saqueador.

O Partido Operário Revolucionário se contrapôs terminantemente à intervenção da Otan e defendeu a autodeterminação da Líbia. Condenou a aliança da oposição de Benghazi com o imperialismo. Opôs-se à derrubada do governo pelas forças coligadas ao imperialismo. E agora denuncia à classe operária, aos demais explorados e à juventude o assassinato de Muamar Kadafi.

O capitalismo imperialista está imerso em uma crise econômica. Não demorará para o povo líbio e as massas mundiais descobrirem os reais objetivos dos Estados Unidos e seus aliados europeus de terem se lançado contra o Afeganistão, Iraque e Líbia. Nada tem a ver com a democracia ou com a paz. Tem a ver com a dominação do capital internacional.

Os povos oprimidos e as massas exploradas estão acumulando experiências por meio desses profundos choques protagonizados pela intervenção imperialista. Delas florescerá uma nova geração de revolucionários. O programa que impulsionará as forças progressivas da humanidade é o da revolução proletária. Revolução e contrarrevolução se confrontarão cada vez mais na situação de desintegração do imperialismo. O POR levanta a bandeira de construção do partido mundial da revolução socialista, que tem por base o Programa de Transição da IV Internacional.

**Fora o imperialismo da Líbia!
Voltar as armas contra a OTAN!**